JESUS À MESA COM COBRADORES DE IMPOSTOS E PECADORES (MC 2,15-17)

Kinno Alves Cerqueira*

RESUMO

Por que a cena de Jesus à mesa com cobradores de impostos e pecadores foi censurada por escribas e fariseus? Qual o significado de Jesus à mesa com tais personagens? Para responder a estas perguntas, o presente trabalho oferece uma sucinta análise da perícope de Mc 2,15-17, na qual é posta em evidência uma polêmica provocada pela constatação de que Jesus comia e bebia com cobradores de impostos e pecadores. A análise da perícope supracitada e as discussões em torno da mesa seguem abaixo.

Palavras-chave: Evangelho segundo Marcos. Jesus à mesa. Controvérsias.

INTRODUÇÃO

O evangelho segundo Marcos apresenta duas séries de controvérsias entre as autoridades religiosas e Jesus, sendo a primeira série na Galileia (Mc 2,1–3,30) e a segunda, em Jerusalém (Mc 11,27–12,34). O presente texto discorre sobre a segunda controvérsia (Mc 2,15-17) da primeira série de controvérsias, procurando compreender a reação dos escribas e fariseus ante a presença de cobradores de impostos e pecadores à mesa com Jesus e seus discípulos, como também o significado desta comensalidade assumida abertamente por Jesus. Para isto, segue-se o seguinte esquema: apresentação da perícope, com destaque para o seu assunto e sua contextualização literária; descrição dos personagens, em espacial os escribas e os fariseus, os cobradores de impostos e os pecadores; o significado da mesa e da comunhão com cobradores de impostos e pecadores na época e na práxis de Jesus; e, por fim, a leitura dessa perícope hoje.

1 Um olhar sobre a perícope de Mc 2,15-17

* Bacharel em Teologia. Discente do Programa de Pós-graduação em Teologia (Mestrado) da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). E-mail: kinno_cerkeira@hotmail.com

> 15 Aconteceu que estava em sua casa reclinado para uma refeição, e muitos cobradores de impostos e pecadores estavam reclinados com Jesus e seus discípulos, pois eram muitos e o seguiam.
>
> 16 Os escribas e fariseus, vendo que comia com pecadores e cobradores de impostos, diziam aos discípulos dele: “Ele come com cobradores de impostos e pecadores!”.
>
> 17 Tendo ouvido, Jesus lhes disse: “Os sãos não necessitam de médico, mas os que estão mal. Não vim chamar justos, mas pecadores”[1].

A perícope começa com uma anotação de lugar: “E aconteceu que estava em sua casa...” (v. 15). Esta é a terceira vez que Jesus é apresentado numa casa: a primeira vez é em Mc 1,29 e a segunda, em Mc 2,1. As personagens são: muitos cobradores de impostos e pecadores, Jesus, seus discípulos, os escribas e os fariseus. O cenário é a Galileia.

A cena se passa ao redor de uma refeição: muitos cobradores de impostos e publicanos estavam reclinados com Jesus e seus discípulos para uma refeição. Os escribas e fariseus não estão reclinados à mesa com os demais, mas aparecem como aqueles que vêem e falam: “Os escribas e fariseus, *vendo* que comia com pecadores e publicanos, *diziam*...” (Mc 2,16).

Os escribas e fariseus se dirigem aos discípulos de Jesus com as seguintes palavras: “Ele [Jesus] come com publicanos e com pecadores!”(Mc 2,16). O comentário é sobre Jesus, mas é aos discípulos que eles se dirigem. Mesmo assim, é Jesus que ouve e responde: “Tendo ouvido, Jesus lhes disse: ‘Os sãos não tem necessidade de médico, mas os que estão doentes. Não vim chamar justos, mas pecadores’”(Mc 2,17). A perícope se encerra com as palavras de Jesus e o silêncio dos presentes.

Em alguma dimensão, todos interagem com os escribas e fariseus, com exceção dos publicanos e pecadores: os escribas e fariseus se dirigem aos discípulos, Jesus se dirige aos escribas e fariseus e Jesus faz menção dos pecadores, ficando somente os publicanos e pecadores sem nenhum tipo de interação com os escribas e pecadores.Nesta perícope, a barreira que separa escribas e fariseus de cobradores de impostos e pecadores não está somente no nível da convivência, mas também no âmbito da comunicação: não há proximidade, nem comunicação, há apenas o olhar.

[1] Texto extraído de *A Bíblia: Novo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 2015, p. 107.

2 A perícope em seu contexto literário

A contextualização da perícope de Mc 2,15-17 depende do modo como cada autor esboça a obra marcana. Adotando o esquema proposto por Combet-Galland (2015, p. 50-51), esta perícope está situada no contexto da série de controvérsias ocorridas na Galileia (2,1–3,12).

De fato, Mc 2,1 marca o início de uma série de cinco polêmicas. A primeira delas (2,1-12) ocorre entre os escribas e Jesus, os quais o acusam de blasfêmia por ter ele tomado para si uma prerrogativa pertencente somente a Deus: perdoar pecados. A segunda (Mc 2,15-17) é a perícope em apreço neste trabalho, cuja controvérsia gira em torno da mesa. A terceira (2,18-21) ocorre entre os discípulos de João e dos fariseus e Jesus, os quais lhe perguntam por que seus discípulos não jejuavam (2,18-22). A quarta (2,23-28) se dá entre os fariseus e Jesus, o qual é advertido de que seus discípulos estavam fazendo em dia de sábado o que não era permitido. A quinta (3,1-6) também diz respeito à observância do sábado: Jesus cura um homem num dia de sábado; logo em seguida, os fariseus e os herodianos formam um conchavo para assassinar Jesus. Aqui se encerra a série de controvérsias na Galileia. Uma nova série de controvérsias acontecerá em Jerusalém (Mc 11,27-12,34).

Para compreender a segunda controvérsia (Mc 2,15-17), que é o objeto deste trabalho, é preciso ter claro, num primeiro momento, quem eram os cobradores de impostos e pecadores, os escribas e fariseus e, num segundo momento, o significado da mesa no tempo de Jesus.

2 Cobradores de impostos e pecadores, escribas e fariseus: quem eram?

Os *cobradores de impostos* que aparecem nos evangelhos são os arrecadadores que cobram os impostos das mercadorias e direitos de trânsito nas estradas importantes, pontes ou portas de algumas cidades. Mas não se deve confundi-los com os grandes arrecadadores de impostos ou chefe dos publicanos,

que conseguiam obter o controle destes pedágios e direitos de aduana numa determinada região, com seus escravos e subordinados que se sentam nos postos de cobrança. Enquanto estes eram funcionários estatais com os quais a população quase não se encontrava, é bem provável que os cobradores de impostos mencionados nesta perícope sejam os recolhedores contratados que, por manter contato frequente com o povo, eram odiados e socialmente proscritos. Visto que a penitência lhes era praticamente impossível – pois esta requeria tanto o abandono da profissão quanto a reparação das fraudes –, os publicanos constituíam o equivalente ao grupo de prostitutas no campo das mulheres, pois a penitência lhes era praticamente impossível, visto que envolvia tanto o abandono da profissão quanto a reparação das fraudes. (PAGOLA, 2010, p. 242-243; JEREMIAS, 2004, p. 179; NOLAN, 1987, p. 42).

Nos evangelhos, o termo “pecador” designa tanto os que desprezam os mandamentos da *Torah* como também os que exercem profissões desprezíveis, destacando-se aquelas que, segundo a opinião popular, arrastavam para a desonestidade: os jogadores de dados, os usurários, os coletores de impostos, os publicanos e os pastores (JEREMIAS, 2004, p. 177). A situação de pecador é praticamente irremediável. Uma prostituta, por exemplo, podia tornar-se pura novamente por meio de um complexo processo de arrependimento, purificação e reparação. Isto custava dinheiro, mas seu dinheiro ganho com a atividade de prostituta não podia ser empregado para esse fim. Os pecadores eram, por assim dizer, cativos da sua condição de pecador e condenados a não serem aceitos no convívio com pessoas ditas respeitáveis (NOLAN, 1987, p. 43). Assim, o designativo pecador é termo amplo, que abarca não somente os imorais, mas também os que praticam atividades laborais desprezíveis, a exemplo dos cobradores de impostos.

Os *escribas*, por sua vez, constituíam uma classe que se formou na época pós-exílica, ou seja, a partir de 539 a.C. Provenientes de várias camadas da sociedade, eram teólogos de formação que se dedicavam aos estudos por muitos anos sob a orientação de um mestre. Após a ordenação, que ocorria por meio de imposição de mãos, eram incluídos na corporação de doutores e passavam a ter o direito de trabalhar como mestres de teologia e, na qualidade de juízes, de tomar decisões em questões relativas ao direito religioso e penal. Por serem

reconhecidosperitos na interpretação da *Torah*, gozavam de prestígio em praticamente todos os âmbitos da sociedade judaica (JEREMIAS, 2004, p. 222).

Os *fariseus*, por seu turno, constituíam um movimento de leigos que se formou na primeira metade do séc. II a.C. com a finalidade precípua de opor-se à helenização da religião judaica. Provinham de todos os setores e camadas da população, sobretudo dos grupos de artesãos e comerciantes (JEREMIAS, 2004, p. 222). No tempo de Jesus, a principal preocupação dos fariseus consistia em assegurar uma resposta fiel de Israel ao Deus Santo que lhes dera a *Torah*, que os distinguia de todos os povos da terra. Daí por que se aprofundavam no estudo da *Torah* e cuidavam em cumprir rigorosamente suas prescrições, sobretudo as que reforçavam a identidade de Israel como povo de Deus: o sábado, o pagamento dos dízimos para o templo e a pureza ritual (PAGOLA, 2010, p. 400). Os fariseus gozavam de grande respeito e popularidade entre o povo, pois eram admirados por seus ensinamentos e pelo modo como observavam a *Torah* (MURPHY-O' CONNOR, 2008, p.67).

A compreensão da controvérsia em torno da mesa requer mais um esclarecimento: o significado da mesa no tempo de Jesus.

3 À mesa com cobradores de impostos e pecadores

No Antigo Testamento, há um relato que ajuda a compreender a importância da mesa. Em 562 a.C., Joaquim, rei de Judá, foi reabilitado publicamente ao ser trazido da prisão para a mesa de EvilMerodac, rei da Babilônia (2 Rs 25,27-30). Isto se explica pelo fato de que, no Oriente, comunhão de mesa significa oferta de paz, confiança, fraternidade; comunhão de mesa é comunhão de vida (MURPHY-O' CONNOR, 2008, p. 82).

No tempo de Jesus, sentar-se à mesa com alguém é sempre prova de aceitação, respeito, confiança e amizade. Não se come com qualquer um; cada um come com os seus. Compartilhar a mesa significa dizer que se pertence ao mesmo grupo: ali, os gentios comem com os gentios; os judeus com os judeus; os homens com os homens; as mulheres com as mulheres; os ricos com os ricos; os pobres

com os pobres; os pecadores com os pecadores; e assim por diante (PAGOLA, 2010, p. 244).

Segundo Joaquim Jeremias (2004, p.186), a hospitalidade de Jesus para com cobradores de impostos e pecadores teria sido um acontecimento, além de social, também escatológico, pois a comunhão de mesa de Jesus com eles é uma espécie de linguagem gestual usada por Jesus para dizer que publicanos e pecadores são incluídos na comunidade salvífica, expressão concreta da mensagem do amor redentor de Deus.

A comunhão de mesa simboliza o Reino de Deus (MURPHY-O' CONNOR, 2008, p. 82) e, para os escribas e fariseus, teria sido natural entender a escolha de Jesus por tais companhias como a afirmação de que eles herdariam o Reino de Deus. Daí por que os escribas e fariseus ficam escandalizados: como Jesus ousa dizer que cobradores de impostos e pecadores, considerados indignos de Deus, herdarão o Reino? Como ousa dizer que cobradores de impostos são perdoados por Deus semantes deixar sua profissão e reparar seus supostos roubos? Como ousa comer com pecadores sem que estes, primeiro, mudem de vida? Todas estas perguntas estavam subjacentes à denúncia: "Ele come e bebe com cobradores de impostos e pecadores" (Mc 2,16).

A resposta de Jesus toca no cerne da questão: "Os sãos não tem necessidade de médico, mas os que estão mal. Não vim chamar justos, mas pecadores" (Mc 2,17). Neste versículo, a expressão "os sãos" parece designar os próprios escribas e fariseus, os quais se consideravam espiritualmente saudáveis por guardarem a *Torah* e cumprirem-na rigorosamente, ao passo que a expressão "os que estão mal" designa os publicanos e pecadores que, mais que doentes, eram os adoecidos pelo rigorismo do sistema religioso que vigorava. De modo semelhante, a expressão "os justos" refere-se aos escribas e fariseus, cuja alcunha de justos lhes eraimputada por guardarem a *Torah*, ao tempo em que a expressão "pecadores" designa todos os convivas ali presentes, referidos como publicanos e pecadores. A estes Jesus veio chamar ao Reino de Deus (Mc 1,14), ou seja, à íntima comunhão com Deus, cujo símbolo é a mesa.

4 A perícope de Mc 2,15-17 hoje

A cena descrita nesta perícope soa ao mesmo tempo inquietante e interpeladora: inquietante por deixar claro que Jesus priorizou a comunhão com os excluídos à comunhão com os religiosos e que se fez médico dos adoecidos, usando como remédio o amor que se traduz em acolhida; interpeladora por constituir uma convocação a que as comunidades cristãs de hoje rompam com as amarras dogmatistas que separam as pessoas e reencontrem o caminho de Jesus que é, por assim dizer, um caminho de amor que se concretiza em hospitalidade e comunhão radicais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta perícope (Mc 2,15-17), a polêmica gira em torno da constatação de que Jesus acolhe os cobradores de impostos e pecadores (os excluídos), com os quais estabelece profunda comunhão e íntima amizade.

Os fariseus e escribas entendiam que a preservação de sua identidade enquanto povo de Deus requeria o distanciamento daqueles que não cumpriam as prescrições da *Torah*.

Diante da objeção dos escribas e fariseus, Jesus reafirma que sua missão consiste em estar com os excluídos, chamando-os à comunhão com Deus, comunhão que se experimenta na comunhão de vida, de mesa, de amizade, de terno amor que abraça e cuida.

A principal questão deixada por essa perícope é que a comunhão com os excluídos constitui um dos traços fundamentais da práxis de Jesus e quesegui-lo requer, portanto, abertura suficiente para assumir o escândalo de sua práxis, pois a mesa de Jesus a ninguém exclui e a todos acolhe.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA. A Bíblia: Novo Testamento. São Paulo: Paulinas, 2016. 1ª reimpressão.

COMBET-GALLAND, C. O evangelho segundo Marcos. In: MARGUERAT, D (org.). *Novo Testamento*: história, escritura e teologia. São Paulo: Loyola, 2015.

JEREMIAS, J. Teologia do Novo Testamento. São Paulo: Editora Teológica, 2004.

MURPHY-O'CONNOR, J. Jesus e Paulo: vidas paralelas. São Paulo: Paulinas, 2008.

NOLAN, A. Jesus antes do cristianismo. São Paulo: Paulus, 1987.

PAGOLA, J. A. Jesus: aproximação histórica. Petrópolis: Vozes, 2010.